

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

O ENSINO NA ATUALIDADE: DESAFIOS DA DOCÊNCIA¹ TEACHING AT ACTUALITY: TEACHING CHALLENGES

Raquel Cristiane Feistel Pinto², Aldemir Berwig³

¹ Reflexão desenvolvida a partir dos debates na disciplina Docência no Ensino Superior no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI.

² Mestranda em Direitos Humanos (Unijuí); Especialista em Gestão de Pessoas (Unijuí); Graduada em Direito (Unijuí). E-mail: raquelf@unijui.edu.br.

³ Doutorando e Mestre em Educação nas Ciências (Unijuí); Especialista em Direito Tributário (Unisul); Graduado em Direito e Administração (Unijuí); Professor do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da Unijuí. E-mail: berwig@unijui.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão que sinaliza os obstáculos que dificultam a compreensão da interface da racionalidade humana frente ao simbólico e à necessidade de formação integral do sujeito. Considerando que a sociedade mudou e que as atividades humanas vêm se distanciando da ideia de uma sociedade industrial que produz bens e produtos duráveis a partir da industrialização e entra numa lógica de liquidez e de virtualidade, verifica-se que os discursos vão indicando que existe uma espécie de obsolescência programada na qual os bens físicos perdem valor porque a riqueza está nas perspectivas virtuais, o pensamento por exemplo.

Nesse contexto ganha força a ideia de que a produção do conhecimento é mais importante que a produção de bens, de forma que se verifica a necessidade de que o sujeito adquira a capacidade de pensar, de refletir e de atribuir sentido às coisas. Aí chegamos à questão central, ao nosso problema: na atualidade existem desafios diferentes aos propostos à docência de algumas décadas passadas? As tecnologias impactam na forma de aprendizagem ou é apenas uma questão de adaptação humana? A docência pode permanecer idêntica ao ensino de alguns anos passados ou a tecnologia e o comportamento das novas gerações nos desafia a novas propostas e a nos posicionarmos de forma diferente àquela utilizada pelos nossos professores? Esses são alguns aspectos que são o objeto desta reflexão que ora está sendo apresentada.

2 METODOLOGIA

A reflexão foi desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica na qual se buscou informações acerca do tema em diferentes autores, através da análise de livros, artigos científicos, mas principalmente de debates em sala de aula, os quais possibilitaram o aprofundamento do conhecimento do assunto a partir das contribuições disponíveis.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do momento em que o homem age ou opta racionalmente por um fazer ou não fazer, ou seja, faz escolhas com base na razão e não mais pelos seus instintos impulsivos, estamos frente a

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

um novo homem diante do mundo, que deixa de apenas estar no mundo para compreendê-lo e transformá-lo, conseqüentemente, evoluindo historicamente e construindo novas relações com o meio em que vive.

Assim as gerações anteriores responsabilizam-se pela educação das novas gerações. Mas o que é educar? Educar na perspectiva do conhecimento significa desafiar a reconstrução de saberes direcionando e instruindo na construção de novos conhecimentos, que implicam na aprendizagem crítica em que o professor coloca a disposição do aluno os seus saberes e o instiga de tal forma que a sua curiosidade, interesse e criatividade possam ser suficientes para produzir questionamentos, inquietações e, principalmente, divergências de opiniões, para que no respeito mútuo a construção do conhecimento se concretize. Disso decorrem dois aspectos: (a) para além do pensar humano é imprescindível saber pensar e o saber pensar deve ser direcionado e apreendido; (b) o conhecimento é uma constante reflexão do pensamento, ou seja, não é estático.

Educar não pode ser considerado apenas transmitir conhecimentos, mas direcionar e instigar o aluno a conhecer e apreender através das suas próprias reflexões sobre o objeto. O conhecimento, portanto, não se constitui de forma estática. É legado dos precedentes conhecer e compreender o passado para antever o futuro - na medida do possível - e no presente transmitir informações e conhecimentos adquiridos, mas acima de tudo, estimular os alunos a pensar por si próprios para que a partir de experiências próprias, culturais e sociais vivenciadas, consigam construir novos conhecimentos e, desta forma, compreender e reconstruir o mundo em que vivem. Trata-se de estimular os alunos a construir o conhecimento, dentro de um espaço democrático dialógico conforme aponta Morin (2000, p. 109). Nesta perspectiva, a educação e o pensar não devem ser padronizados, mas converter-se com o mundo que lhe é apresentado, sempre inovando, o que significa que o professor que pretende ensinar deve estar continuamente se desafiando a aprender e reaprender a partir das multiplicidades que o mundo atual lhe apresenta.

Quem opta por ensinar deve ter em mente os desafios que tal tarefa lhe impõe e que mesmo assim, durante o seu percurso corre alguns riscos. Dentre muitos desafios, podem-se elencar dois grandes: o primeiro é que serão eternos alunos e, o segundo, é que como docentes terão que conduzir os alunos à capacidade crítico-reflexiva, instigando os alunos a pensar criticamente sobre as informações disponíveis, de modo que consigam formar a sua própria compreensão do objeto.

O docente precisa ser disciplinado, crítico, reflexivo, inovador, desafiador e humilde. Disciplinado, porque quem opta por ensinar deve aprender pela vida inteira e ter a disciplina do tempo - para o estudo, para a leitura, para ouvir, para o ver e para o falar; crítico, o suficiente para indagar tudo o que a sua construção do pensamento é capaz de refletir acerca de determinado objeto; reflexivo, para processar todas as informações e saberes que lhe apresentam, dentro do contexto em que vive, seja na sociedade, na política, na economia, na religião, na educação; inovador, na capacidade de aceitar o mundo que lhe é apresentado, com suas múltiplas facetas, sem preconceitos e, acima de tudo, possibilitando a compreensão e aceitação do novo, bem como, implementando-as nos saberes construídos; desafiador, como aluno, na busca constante do conhecimento e, como docente, para ensinar o aluno a pensar de forma crítica e reflexiva sobre os saberes; e, por fim, humilde, o suficiente para se colocar na posição de aluno em constante aprendizado e que, mesmo na posição de docente, ainda permanece aluno na perspectiva de que o

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

conhecimento não é estático e se constrói através de todas as possibilidades que lhe são apresentadas, inclusive dentro dos próprios espaços em que se procura passar os saberes, ou seja, a própria sala de aula. Afinal de contas, como próprio Freire (1996) afirmava, não podemos impor arrogantemente os saberes como verdadeiro, mas podemos através do diálogo desafiar “os grupos populares” a refletir sobre suas histórias e experiências de modo a perceberem por si próprios a necessidade de rever seus saberes.

Até o final da década de 1990, em que o desenvolvimento da tecnologia não era tão avançado, a docência ocorria no espaço limitado da sala de aula. O professor era o responsável que rapidamente proporcionava o acesso ao saber; o livro era a fonte do conhecimento. A explicação do professor era fundamental para compreensão do conteúdo ministrado, pois poucos tinham acesso aos livros e, normalmente, a explicação dada pelo professor facilitava a compreensão do conteúdo mais do que a próprio livro. Era evidente a importância do professor para o aprendizado das novas gerações. Sem falar que as provas e exercícios eram reproduzidos em mimeógrafos com tinta e álcool, as matrículas eram feitas em máquinas de datilografar e as notícias e documentos chegavam por correspondência, pelos correios.

Contudo, na última década o avanço tecnológico foi significativo para todos os segmentos da sociedade, sejam eles econômico, social, político, cultural, inclusive a própria educação, desafiando ainda mais o professor sob diversos aspectos. O grande avanço foi a substituição das máquinas de datilografar por computadores e, na sequência, a utilização da internet, a qual possibilitou um amplo acesso a informação, em frações de segundos, e de todas as partes do mundo. O quadro negro foi substituído pelo quadro branco e em alguns espaços escolares, pela lousa digital. Nas universidades, muitos substituíram os lápis, as canetas e os cadernos pelos notebooks. Os antigos mimeógrafos foram substituídos pelas impressoras que recebem por rede o material a ser impresso. Até mesmo os correios caíram em desuso, pois documentos e correspondências são encaminhados por correio eletrônico, em frações de segundos. Muitos espaços de salas de aulas foram substituídos por ambientes virtuais em que o próprio aluno se conecta na rede, em qualquer horário, para realizar suas tarefas e estudos diários. Alguns chegam a cogitar que na atualidade a internet tem tantos livros e materiais disponíveis que a figura do professor tornou-se obsoleta para o ensino, pois o aluno tem acesso a toda produção de conhecimento.

É evidente que a tecnologia trouxe avanços para a educação, contudo, são necessárias algumas cautelas no que diz respeito a sua utilização. Do ponto de vista das vantagens, a tecnologia trouxe para o processo do ensino e da aprendizagem algumas facilidades em termos materiais quanto às ferramentas de manuseio disponíveis ao professor, como projetor de multimídia que possibilitou um melhor preparo das aulas, sendo possível a inserção de figuras ilustrativas, filmes, documentários, dentre outros; o caderno do professor que foi substituído pelo notebook ou tablet; a impressão de provas e exercícios com maior qualidade e rapidez; o próprio correio eletrônico na orientação de trabalhos, dentre outros. Mas sem sombra de dúvidas o que temos que dar maior destaque a toda esta tecnologia está nas “facilidades” que a internet é capaz de fornecer aos usuários, embora nem tudo seja tecnologia e seja inadequado pensar na substituição do professor e da tarefa árdua do aprender.

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

A internet, como rede de computadores interligada no planeta, possibilita o acesso rápido aos mais diversos tipos informações, saberes e serviços. Dentre os serviços disponibilizados encontramos as redes sociais e os mecanismos de buscas, que possibilitam ao usuário uma maior interação com outras pessoas e pesquisas rápidas de assuntos do seu interesse. Aproveitando-se desta tecnologia, alguns setores empresariais lançaram a oferta de cursos técnicos, de graduação e especialização, on-line, a um baixo custo, para pessoas que não tem tempo ou condições financeiras suficientes para arcar com os custos de um curso presencial. A primeira vista, trata-se de uma opção bastante atrativa, mas que do ponto de vista da formação humana pode deixar muito a desejar ao pensar apenas na formação instrumental deixando de lado o crítico-reflexivo. Ou será possível educar na perspectiva da formação integral nos cursos on-line? Conforme abordado no início deste trabalho, o conhecimento se produz através da troca de saberes em que o docente coloca os seus saberes a disposição dos alunos, instigando-os a pensar sobre o objeto de forma crítica e reflexiva, ou seja, trata-se de uma troca de saberes para o consenso de um único saber. Esta troca somente é possível de ser feita em um espaço que possibilite a construção do diálogo, o que pode ser dificultado em um ambiente virtual, pelo menos na perspectiva assíncrona. Nesta perspectiva entende-se que a máquina não substitui o “professor”.

Hoje a tecnologia apresenta-se incessantemente em todos os espaços, incluindo a sala de aula, e os alunos dispõem de celulares, computadores, smartphones, tablets, com acesso direto as redes sociais e a informação advinda da internet. Na realidade, essa é uma geração de nativos digitais (Prensky, 2013) que estão muito vinculados às tecnologias e não seguem a mesma lógica de aprendizagem de seus professores, não porque não seja necessário ler e compreender, mas porque são atraídos pelo mundo líquido do digital. Assim, o docente tem uma tarefa a mais, pois para manter a atenção dos alunos, de modo que estejam presentes de “corpo e alma”, o cuidado com preparo da aula deve ser redobrado, caso contrário, o aluno estará somente de corpo presente, pois sua atenção estará voltada para a internet. Para isso, o saber do professor não pode ficar limitado ao conteúdo do objeto de ensino, deve ser também um saber pedagógico (Marques, 2006) para atender seu objetivo primeiro: a aprendizagem dos alunos.

O perfil dos alunos em sala de aula também se apresenta diferente do passado, pois a tecnologia possibilita ao aluno acompanhar a aula juntamente com as informações buscadas na rede, de modo que, enquanto o professor ministra o conteúdo, o aluno já pode fazer a pesquisa autônoma sobre o objeto estudado, o que significa que de certo modo, já sabe alguma coisa a respeito do que está sendo tratado e o professor deve estar preparado para os questionamentos dos alunos. Esta perspectiva indica que para ser professor não basta conhecer o conteúdo, é necessário ter intimidade com o mesmo e, para isso, é preciso experimentá-lo, testá-lo, aprimorá-lo. Dessa forma, o professor estará realmente preparado para trocar experiências sobre os saberes a partir dos avanços tecnológicos e com o novo aluno que se apresenta nos espaços escolares.

O uso da tecnologia em sala de aula, portanto, deve ser incentivado e o professor deve adequar-se às inovações tecnológicas; contudo, sua utilização deve ser direcionada e dosada para que atinja os objetivos buscados pela educação: a aprendizagem crítico-reflexiva de novos saberes. Afinal de contas, o mundo por si só não educa o suficiente e compete a geração precedente educar a nova geração, sempre aprimorando os conhecimentos, proporcionando novas descobertas, renovando e

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

recriando a cada geração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se que a inserção do professor no espaço educacional é indispensável em todos os segmentos da sociedade, pois nenhum ser humano consegue aprender e construir conhecimentos de forma isolada, sem a contribuição do pensamento de outros que já traçaram um caminho ao conhecimento. As informações são transmitidas, mas o conhecimento é construído com esforço, dedicação e muita disciplina, tornando indispensável a presença de um mestre que oriente este caminho. Mesmo diante do avanço tecnológico, portanto, deve-se considerar que nenhuma máquina conseguiu substituir o pensamento, muito menos de superar todos os desafios que se apresentam aos professores diariamente no espaço escolar.

Por esta razão podemos acreditar que a docência depende dos dois aspectos apresentados por Mario Osorio Marques: o docente precisa dominar o saber do ensinar além do saber dos conteúdos específicos de sua área. Não basta aceitar friamente a tese de Prensky de que as novas gerações são nativos digitais e por isso a aprendizagem é outra. É necessário termos a capacidade de seduzir tais nativos à aprendizagem. Assim, teremos novas gerações que não serão somente seduzidas pela tecnologia, mas pelo próprio saber e pela sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Mario Osorio. **Pedagogia:** a ciência do educador. 3. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. v.5. 188 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. 2001. Disponível em:
<<http://marcprensky.com/digital-native/>>. Acesso em: 09 set. 2013.